

A Biblioteca Como uma Sala de Artes: Um Relato de Experiência Através do Pibid ¹

Marília Gales Landi ²
Adriana do Nascimento Araújo Mendes ³

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência acerca das minhas vivências e atividades realizadas na EMEF Profa. Dulce Bento Nascimento, na cidade de Campinas/SP, durante o primeiro semestre de 2025, como parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. A principal finalidade deste relato é tratar de uma prática experienciada com os alunos do 4º ano B, acerca do uso dos livros didáticos de arte presentes na biblioteca da escola. A proposta surgiu pela necessidade repentina de transferir a aula de artes para o local da biblioteca, uma vez que a sala da turma estaria sendo ocupada pela reunião de pais e mestres naquele dia. Dado o não planejamento dessa mudança, não havia um plano de aula a ser seguido por aquela turma. A partir disso, eu e minha dupla de estágio pensamos em uma atividade artística que pudesse ser realizada no espaço da biblioteca, fazendo uso dos livros de arte da mesma, possibilitando que os alunos não perdessem a aula de artes daquela semana. A proposta sugerida foi que os alunos lessem/folhassem livros que apresentavam artistas visuais com grande impacto na história da arte e depois colocassem em prática o estilo do artista escolhido em um desenho feito com lápis de cor e canetinhas. Essa experiência, que foi posteriormente reproduzida pelo professor de artes da escola com outras turmas, teve grande aceitação por parte dos alunos e trouxe resultados positivos em minha formação enquanto docente, trazendo reflexões importantes acerca da ausência de um espaço apropriado e dedicado exclusivamente às artes no ambiente escolar, bem como da desvalorização estrutural do ensino de artes no Brasil.

Palavras-chave: Arte-educação, Sala de Artes, Desenho, Acervo de Livros da Biblioteca

¹ Trabalho realizado no âmbito do Subprojeto Interdisciplinar III (Artes Visuais/Plásticas e Música), PIBID Unicamp – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, marilia.landi@gmail.com

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo apresenta um relato de experiência acerca de uma aula dupla de Artes, ministrada ao 4º Ano B do Ensino Fundamental I (EFI), durante o meu primeiro semestre de participação no PIBID Arte/Unicamp. A aula aconteceu na EMEF/EJA, localizada na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo, para em média 25 alunos.

Nessa escola, o dia letivo das crianças do EFI se inicia às 7:00h e termina às 12:00h, totalizando uma carga horária de cinco horas. Essas cinco horas são distribuídas em seis aulas de 50 minutos, tempo para duas refeições (café da manhã e almoço) e o tempo de intervalo. A escola parceira possui espaço físico limitado, contando com um pequeno parquinho externo, sem área verde, possuindo uma sala para a coordenação, uma sala de aula para cada turma do EFI (ao todo são 10 turmas), uma quadra, um refeitório, uma sala de biblioteca e uma sala de informática/artes. Justamente por essa limitação no espaço físico, a escola enfrenta um problema com relação ao armazenamento de materiais pedagógicos e de antigos móveis da

instituição, e acaba por utilizar a sala de informática/artes como uma sala de depósito. Deste modo, a mesma se encontrava indisponível para uso durante o primeiro semestre de 2025, o que acarretava em uma troca de salas, realizada pelo professor de artes, após o término de cada aula.

Durante o primeiro semestre de 2025, acompanhei a rotina do professor de Arte, supervisor do PIBID, durante as terças-feiras, juntamente com a minha dupla de estágio, um colega de curso da faculdade. A grade horária deste dia da semana era estruturada da seguinte maneira: as turmas do 1ºA, 1ºB, 2ºA e 2ºB possuíam uma aula cada e então o dia era encerrado com uma aula dupla para a turma do 4ºB. Essa estruturação da grade horária em aulas simples, somada à necessidade de realizar trocas de sala ao longo do dia, dificultava muito o desenvolvimento de atividades com os alunos. Uma vez que alguns minutos sempre eram perdidos no começo e no fim das aulas com a troca de professores, e com tentativas de fazerem os alunos se concentrarem no conteúdo, visto que a troca dos docentes parecia ser algo que agitava as crianças, que algumas vezes não queriam guardar a atividade que estavam realizando antes

com a professora, ou tinham dificuldade de compreender o término da aula anterior e o início da aula de artes. Além disso, alguns minutos também eram perdidos com a organização do espaço da sala: reorganizando/afastando carteiras, ligando o projetor, apagando a lousa, procurando a chave que destrancava o armário de materiais, entre outros. Diante de todos esses pequenos empecilhos, tornava-se quase impossível a realização de uma atividade de maneira completa, com começo, meio e fim, dentro do espaço de tempo de uma aula simples, e eu e minha dupla nos encontrávamos com frequência iniciando uma atividade que seria terminada em outro dia (e, portanto, sem a nossa presença), ou vice-versa. Ademais, a única aula dupla programada no meu dia de estágio era para a turma do 4ºB, que estava iniciando o processo de musicalização com a flauta doce, portanto também era difícil desenvolver com eles alguma atividade relacionada à minha área de estudo (artes visuais), uma vez que a sequencialidade das aulas de flauta teria que ser quebrada para a realização de uma proposta em outra área de conhecimento das artes.

Perante essa situação, eu e minha dupla de estágio começamos a pensar em temáticas mais simples, e que poderiam ser trabalhadas mais facilmente em uma única aula ou em

semanas diferentes, sem que as crianças se esquecessem ou perdessem interesse pela proposta. Foi então que, com a indicação do nosso supervisor, voltamos o olhar para o acervo de livros de arte da biblioteca da escola, que é extremamente completo. Nele achamos diversos exemplares da coleção “Descobrimos o Mundo Mágico de...” da editora Oceano Travessia, onde em cada livro era apresentada a história de vida e uma seleção das obras mais famosas de grandes pintores da história da arte mundial. Essa série de livros nos interessou pela grande quantidade de exemplares disponíveis, o que permitiria que ela fosse facilmente trabalhada em sala de aula, uma vez que cada aluno teria um livro consigo para folhear e usar enquanto referência durante toda a atividade. Além disso, também nos chamou a atenção a ideia de trabalhar com alunos do EFI um pouco de história da arte, conteúdo que costuma ser abordado com mais profundidade posteriormente na vida escolar. Deste modo, as crianças já se acostuariam com o nome de alguns grandes artistas e entendendo alguns conceitos básicos no estudo de história da arte, como a existência de movimentos artísticos, estilos de pintura e vanguardas. Deste modo, eu e minha dupla iniciamos a elaboração de uma atividade, que tivesse como base a metodologia triangular de Ana Mae-Barbosa, que fundamenta o aprendizado artístico em três eixos principais: contextualização, apreciação e produção.

Tomamos essa metodologia como um modelo a ser seguido pois acreditamos que apenas o contato com os livros da biblioteca acabaria por abranger os dois pilares iniciais da metodologia (contextualização e apreciação) e a atividade, proposta em sequência por nós, finalizaria perfeitamente o ciclo da aprendizagem triangular, com a etapa da produção.

A ideia pensada por mim e por minha dupla, inicialmente, foi que, em um dia e uma aula previamente combinados com o supervisor, distribuíssemos os livros da coleção selecionada por nós para as crianças e deixássemos que elas os folhassem e lessem o conteúdo pelo tempo que quisessem, trocando os livros entre si e conversando naturalmente umas com as outras sobre o material dos mesmos, o que aprenderam, o que gostaram, entre outros. Posteriormente, conforme fossem se cansando dos livros, iniciaria-se a atividade prática da aula, onde proporíamos que cada criança fizesse um desenho seguindo o estilo ou a temática de pintura do livro e do artista pelo qual mais se interessou por. No entanto, eu e minha dupla não tivemos a oportunidade de discutir mais profundamente as especificidades da aula que gostaríamos de propor, pois a oportunidade para colocá-la em prática veio logo na semana seguinte, e mesmo sem maior preparo prévio, agarramo-nos a ela.

A situação se deu por conta de uma reunião entre pais e mestres, com a turma do 4ºB, que acabou por alterar toda a grade horária do professor de artes naquele dia: a aula de artes da turma que ocorreria ao fim do dia letivo (como mencionado anteriormente), passou para o horário da reunião de pais (as primeiras duas aulas da manhã), para que a professora da turma estivesse livre para participar da mesma e as crianças, ao mesmo, estivessem ocupadas com alguma aula. E como a reunião aconteceria na própria sala da turma, a aula de artes precisaria ocorrer em algum outro lugar. E, com a sala de informática/artes estando inutilizável, fomos realocados na biblioteca, o que por sua vez inviabilizou a aula de flauta da turma, tendo em vista que não é permitido o uso de instrumentos naquele ambiente. A circunstância pegou todos nós de surpresa, inclusive o nosso supervisor, que não havia preparado uma aula específica para ser ministrada na biblioteca da escola. Eu e minha dupla então vimos a oportunidade de colocar em prática a atividade, sobre a qual vínhamos conversando durante a última semana: por já estarmos no ambiente da biblioteca e com fácil acesso aos livros da coleção e por termos o tempo de uma aula dupla para a realização da atividade.

Os alunos então seguiram as nossas instruções, explorando os livros durante o tempo desejado e posteriormente executando a atividade prática. Por estarmos na biblioteca, portanto um ambiente não preparado para receber uma aula de artes, tivemos que limitar bastante a

escolha dos materiais utilizados pelos alunos na parte prática da aula, não permitindo o uso de tintas ou de papéis grandes, pois o espaço não tinha grande disponibilidade de mesas e não poderia ser sujado. Felizmente, os resultados obtidos pelas crianças foram muito positivos e dentro do esperado.

Ademais, a experiência dessa aula abriu meus olhos para a extrema importância de uma sala específica para o ensino de artes dentro do ambiente escolar, e como a ausência de uma prejudica em diversos âmbitos o ensino da disciplina. A falta de uma sala-ateliê infelizmente é muito comum dentro do ambiente escolar público brasileiro e pode ser vista tanto como um sintoma da desvalorização estrutural das artes no país, quanto como um fator contribuinte para a precarização do ensino.

Como colocado anteriormente, para o desenvolvimento da aula relatada neste artigo

foi levada em consideração a abordagem triangular descrita por Ana Mae Barbosa. Essa metodologia que visa um ensino crítico e qualificado das artes, sustenta-se em três pilares: a análise de obras, a contextualização (histórica, social e cultural) e o fazer artístico. Com a análise de obras, a arte educadora propõe a decodificação e a interpretação de um grupo de imagens, apresentadas aos alunos, pelos próprios, ou seja que eles reconheçam/identifiquem algumas características presentes nas figuras (como as cores utilizadas, as técnicas, o que está sendo representado, etc). Com a contextualização, a autora propõe não apenas uma apresentação do histórico da obra e do artista, “o que se pretende é pôr a obra em contexto que faz produzir sentido na vida daqueles que a observam, é permitir que cada um encontre, a partir da obra apresentada, seu devir artista”⁴. E por fim o fazer artístico, que se refere à ação de criar, tida pela autora como uma grande conquista dentro do ensino de artes na contemporaneidade, mas que jamais poderia ser bem executada sozinha, sem a existência e a execução dos outros pilares.

□⁴ (FLAUSINO apud BARBOSA, A. M., 1999, p 34)

METODOLOGIA

A ideia para a aula aqui descrita surgiu de uma vontade mútua entre eu, minha dupla de estágio e o nosso supervisor de trabalhar com o acervo de livros de arte da biblioteca, que era raramente utilizado durante as aulas de arte e portanto pouco explorado ou conhecido pelos alunos. Acreditamos que o uso de um material diferente poderia não só despertar a curiosidade e a atenção deles para com a aula, mas também ajudar a nutrir um interesse maior pelo estudo da Arte, fazendo até mesmo com que os alunos procurassem novamente os livros para consulta após o término da aula. Outro fator motivador no pensamento desta atividade foi que a história da arte em si é um fator pouco abordado durante o EFI, assim a atividade ajudaria os alunos a construírem uma base mínima, e condizente com a idade deles, para um assunto que será muito abordado durante os anos seguintes de sua vida escolar. Deste modo, a proposta da aula era de que os alunos escolhessem um dos artistas retratados nos livros da coleção para inspirar um desenho deles. A ideia era de que eles desenhassem as coisas que já

desenhavam usualmente ou que gostavam de desenhar, mas reproduzindo o estilo artístico de um movimento ou de um pintor.

Ana Mae Barbosa não descreve um ponto de partida fixo para sua metodologia, podendo iniciá-la por qualquer um dos pilares descritos, no entanto a escolha feita por mim e por minha dupla foi de seguir a ordem descrita acima: análise de obras, contextualização e posteriormente produção. Fizemos essa escolha uma vez que tomamos os livros da biblioteca enquanto ponto de partida, pois sabemos que, ao tomar um livro em mãos, o caminho feito por uma criança é quase sempre primeiramente olhar as figuras, as fotos e as ilustrações, para depois ler o conteúdo do livro. Assim, sabíamos que faria mais sentido construir a aula em torno desse instinto dos alunos do que lutar contra o mesmo. Por isso, deixamos que as crianças folheassem os livros à vontade, enquanto fazíamos algumas perguntas sobre as imagens que elas observavam, como “Quais cores esse pintor mais usava?”, “O que você acha que ele queria dizer com essa pintura?”, “Por que você acha que ele pintava desse jeito?”. Instigados pelos questionamentos trazidos por nós, os alunos então passaram a ler alguns trechos dos livros, o que aqui pode ser identificado como o pilar da contextualização. Como a coletânea de livros aborda pintores de diversos períodos da história da arte, e portanto

diversos movimentos artísticos também, não era do intuito da aula nos aprofundamos demasiadamente em explicações sobre os mesmos, levando em consideração também a

duração da aula e a idade dos alunos. A contextualização prevista por nós era justamente o conteúdo apresentado nos livros, que funcionam como um ponto de partida para a construção desse interesse pela história da arte. Além disso, também é possível compreender como parte da contextualização a liberdade na escolha do desenho a ser feito pelos alunos, uma vez que ao deixar que eles produzissem algo do interesse deles, é realizada uma aproximação entre o conteúdo didático e o cotidiano das crianças, permitindo que eles enxerguem relações entre eles mesmos e o próprio conteúdo. Por último, instruídas por nós, conforme se cansavam dos livros, as crianças partiram para a execução da parte prática da aula. Durante o período de criação, estávamos o tempo todo em contato com elas, auxiliando-as no que precisavam e trazendo outros questionamentos à tona, fazendo com que elas explicassem para nós, por exemplo, no que exatamente o desenho que elas estavam fazendo se relacionava com o artista escolhido por elas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aula, de maneira geral, ocorreu bem próxima do que era esperado e da maneira como a planejamos. Os alunos tiveram uma grande receptividade para a atividade e gostaram bastante de fazermos o uso dos livros da biblioteca, material que não costuma ser muito utilizado durante as aulas de arte. No entanto, os alunos expressaram grande vontade de trabalhar com tinta, principalmente por estarmos estudando grandes pintores da história da arte. Porém, por estarmos ocupando o ambiente da biblioteca, que não poderia ser sujo ou bagunçado, os alunos acabaram ficando restritos aos lápis de cor, o que senti que foi um pouco frustrante para eles.

Além disso, sobre os desenhos dos alunos, pude perceber que eles se dividiram em três grupos, como três possíveis interpretações da atividade. Houve crianças que reproduziram o conteúdo abordado por um artista em sua trajetória artística: alguns dos alunos que utilizaram como base o livro sobre o Rembrandt notaram que o artista fazia muitos retratos, e se interessaram por reproduzir a temática comum ao holandês, ao invés do estilo de pintura do mesmo (Barroco). Alguns outros alunos fizeram o caminho oposto, e se interessaram por

reproduzir em seus desenhos o estilo dos pintores e dos movimentos artísticos aos quais pertenciam (que era a proposta originalmente idealizada por nós). E, por último, alguns alunos

produziram cópias de obras presentes nos livros e se mostraram bastante resistentes a tentar a fazer outro desenho, pude notar esse comportamento principalmente nas crianças que ficaram com os livros sobre Van Gogh e sobre Salvador Dalí.

Considero que a atividade obteve resultados positivos levando em consideração principalmente dois fatores: todas as crianças se engajaram na parte prática da aula, produzindo algum desenho, o que creio ser sempre o ponto principal em uma aula de artes, considerando

que diversas vezes os alunos deixam de produzir por vergonha, medo de “desenhar errado” ou de “ficar feio”, pensamentos que não agregam à autoconfiança e que contribuem para o distanciamento entre a pessoa, a arte e a cultura ao longo da vida. Outro fator que me faz avaliar a atividade como tendo um bom resultado é que no dia seguinte, quando eu e minha

dupla não estávamos presentes na escola, e o nosso supervisor passou pela mesma situação com a turma do 3ºB (precisando liberar a sala da turma para que a reunião de pais ocorresse e a aula de artes sendo realocada na biblioteca), ele optou por repetir com essa outra turma a

mesma atividade executada por nós no dia anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



As experiências que obtive com essa aula, e em geral as experiências que venho obtendo como estagiária do PIBID, contribuíram de maneira grandiosa para a minha formação como docente. Sem dúvida, o maior aprendizado que obtive com a prática dessa aula foi a necessidade e a importância de uma sala de artes/sala-ateliê dentro do ambiente escolar, por diversos motivos. Durante os últimos meses no programa, pude concluir empiricamente o quanto os alunos do EFI tem dificuldade de acompanhar as trocas de professor que ocorrem ao longo do dia. A permanência dos alunos em uma mesma sala faz com que eles tenham dificuldade de compreender que a aula de artes é um momento separado e diferente das demais aulas que eles assistem ao longo do dia, o que por sua vez prejudica a concentração dos alunos e portanto a capacidade de aprendizado dos mesmos. Notei, diversas vezes, resistência por parte de algumas crianças em guardar a atividade que estavam trabalhando na aula anterior, e que estava ali ao alcance deles, e fazer a atividade proposta na aula de artes.

Ademais, os trabalhos dos discentes não conseguem ficar expostos no ambiente da sala normal, e com frequência ficam armazenados em pastas ou nos cadernos dentro do armário, o

que contribui para uma desvalorização do trabalho dos alunos pelos próprios, criando neles a percepção do “fazer por fazer”.

Também é considerável o impacto que a ausência de uma sala-ateliê causa ao professor de artes, e por consequência na qualidade do ensino da disciplina. Como citado previamente na introdução deste artigo, gasta-se uma quantidade relevante de tempo realizando a troca de salas e, em grade horárias com aulas simples de apenas 50 minutos cada, todo tempo é precioso. Além das trocas, perde-se muito tempo realizando a preparação do ambiente para que ele receba a aula de artes e tentando agrupar os materiais necessários para a realização da mesma, uma vez que cada sala da escola possui um armário de armazenamento, e portanto os materiais de arte se encontram divididos e espalhados pela instituição. Além disso, a falta de um ambiente específico para a aula de artes também contribui para que situações como a descrita neste artigo ocorram com maior frequência, onde a sala de aula da turma precisa estar disponível por algum motivo e então a aula de artes é transferida para um ambiente impróprio, ou simplesmente cancelada. Todos esses fatores contribuem para um

conteúdo transmitido aos alunos e recebido pelos mesmos com menor qualidade, senso estético e crítico, o que por sua vez contribui diretamente para a precarização do ensino de artes no país e para a desvalorização estrutural da mesma.

Assim, a experiência dessa aula contribui para a compreensão da existência de uma sala de artes enquanto uma necessidade básica do ambiente escolar, bem como da precária infraestrutura das escolas públicas brasileiras, onde quase nunca a existência de uma sala-ateliê é a realidade ou sequer uma preocupação viável para aquela instituição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no desenvolvimento do programa.

REFERÊNCIAS

ROCHA, Michele Rodrigues da. Os espaços de arte nas escolas: ateliê e local de exposição. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais - Licenciatura) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma-SC, 2016

MARTINS, Joyce Raíne Silva. O Ateliê de Arte na Escola. 2019. Monografia (Graduação em Artes Visuais – habilitação em Licenciatura) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019

CARVALHO, Carla; FREITAS, Aline Amaral; NEITZEL, Adair de Aguiar. Salas de Arte: Espaço de formação estética e sensível na escola. Educação, Sociedade e Cultura, n°42, p. 67-86, 2014.

LOBO, T. M. Abordagem triangular e o ensino das artes visuais. Revista Científica UNAR, Araras (SP), v. 22, n. 1, p. 104-111, 2022. DOI: 10.18762/1982-4920.20220009. Disponível em: <[endereço eletrônico]>. Acesso em: [dia] [mês abreviado]. [ano].

BARROS, Ângelo Roberto Silva. Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais: uma breve revisão. Anais do XXVI CONFAEB, Boa Vista, p. 477-485, 2016.

